

CONHECENDO ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE INGRESSANTES DOS CURSOS DE LETRAS DA CIDADE DE UBERABA-MG

Juliana Bertucci Barbosa¹
Larissa Galdiano da Silva Marra²

RESUMO

Neste artigo apresentamos uma investigação realizada sobre as atitudes linguísticas de ingressantes dos Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG em relação a diferentes falares do português brasileiro. Para isso, elaboramos e aplicamos um teste de atitudes linguísticas em que os participantes da pesquisa escutaram e avaliaram áudios/falas. Além disso, buscamos, a partir dos resultados encontrados, refletir sobre os conhecimentos sociolinguísticos construídos ao longo das vidas de tais graduandos até chegarem à Universidade.

Palavras-chave: atitudes linguísticas, formação inicial de professores, Língua portuguesa.

Contextualização³

O campo de investigação das crenças, percepções, identidades e atitudes linguísticas está, recentemente, em ascensão no Brasil (CYRANKA, 2007, BOTASSINI, 2009; CUBA, BARBOSA, 2013; MARINE, BARBOSA, 2017, entre outros). No entanto, trabalhos como o de Labov (2008), sobre a mudança fonética ocorrida no inglês falado

¹ Professora Associada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Sede Uberaba. Professora permanente do Proletras/UFTM e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP, Campus de Araraquara. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, com PDEE na Universidade de Lisboa. E-mail: julianabertucci@mail.com

² Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP, Campus de Araraquara. Bolsista Capes. Graduada em Letras Português Inglês pela UFTM. E-mail: larissamarra@yahoo.com.br

³ Este trabalho foi desenvolvido a partir de investigações realizadas nos projetos pela CNPq (Processo 424520/2016-8) e FAPEMIG (2019), no âmbito do Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Variacionistas (GEVAR) da UFTM e UFU (Diretório CNPq).

na ilha de Martha's Vineyard, já apontavam para a importância de se investigar esses fatores. No Brasil, verificamos que em um primeiro momento, as investigações sociolinguísticas realizadas focalizaram a descrição linguística a partir de amostras, principalmente de falas, entretanto, recentemente estamos em um processo de ampliação dessas pesquisas para além das que descrevem características do Português Brasileiro (PB) e começamos a trilhar caminhos para (re)conhecer como as crenças, as atitudes e as avaliações sociolinguísticas interferem no processo de constituição da identidade de uma comunidade (por meio de sua língua).

Assim, neste artigo, seguindo essa tendência de estudos variacionistas mais atuais no Brasil, buscamos investigar as atitudes linguísticas de discentes ingressantes dos Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG, em relação a diferentes falares do Português Brasileiro (PB). Para isso, elaboramos e aplicamos um teste de atitudes linguísticas.

As atitudes linguísticas dos usuários das línguas são provenientes de suas crenças. Tais crenças linguísticas não são inatas às pessoas, ao contrário, são formadas e apreendidas no processo de socialização (BOTASSINI, 2015) e letramento dos indivíduos. Sendo assim, os resultados dos nossos testes poderão apontar algumas das atitudes linguísticas de discentes ingressantes ao Curso de Letras que resultam de crenças construídas, obviamente, ao longo da vida e da trajetória escolar na Educação Básica.

Um breve panorama das três ondas da Sociolinguística

A teoria sociolinguística apresenta seu início na década de 1960, com o linguista estadunidense William Labov. Tal autor propôs a teoria da variação linguística e uma metodologia, de base empírica, para buscar compreender a língua considerando sua relação com o fator social – uma das principais propostas dessa teoria.

Focalizando, sucintamente, as fases dos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, como já mencionado no início deste artigo, verificamos que em um primeiro momento, o foco da Sociolinguística foi à descrição linguística a partir de amostras do PB (principalmente de fala). Essas pesquisas foram e ainda são fundamentais para conseguirmos mapear as características do Português Brasileiro de diferentes comunidades presentes em nosso país. Para além desses estudos, estamos, mais recentemente, desenvolvendo investigações que buscam compreender questões estilísticas da língua, bem como as crenças, as atitudes, as percepções e as avaliações

linguísticas dos falantes do PB e dos estrangeiros que aprendem PB como língua não materna (BARBOSA, FREITAS, 2021).

Essa ampliação dos estudos sociolinguísticos aproxima-se da chamada terceira onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012). Antes de comentarmos sobre esse estágio terceiro da Sociolinguística, faz-se necessário retomar o princípio das duas primeiras ondas, para que se tenha uma noção do que seja essa progressão⁴. Resumidamente, a primeira onda, segundo Veloso (2014, p. 03),

foi fundamental para os estudos variacionistas e está associada aos estudos labovianos. Os estudos dessa tendência forneceram um amplo retrato das variáveis linguísticas usadas pelas comunidades de fala definidas geograficamente ao redor do mundo e é, sem dúvida, a que obteve maior adesão da comunidade científica da Sociolinguística, principalmente no Brasil, chegando, por vezes, a ser tomada com a própria teoria sociolinguística.

Por conseguinte temos, ainda, por Veloso (2014, p. 04), a definição da segunda onda: “caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local”. Uma pertinente síntese das características das pesquisas realizadas nos diferentes momentos da Sociolinguística é apontada por Freitag *et al.* (2012, p. 922):

Os estudos de primeira e segunda onda têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela.

Partindo desse breve resumo sobre as ondas da Sociolinguística, podemos observar que a terceira reúne um conjunto de pesquisas que agregam, aos estudos dessa, um novo parâmetro de observação e de pesquisa. A terceira onda trata da prática estilística e das avaliações e percepções do indivíduo, a partir de suas crenças, desenvolvida e propagada em uma determinada comunidade de prática. Conforme Veloso (2014, p. 02):

⁴ A ideia de “ondas” da Sociolinguística é uma proposição da autora Penelope Eckert (2012), que acredita que as pesquisas sociolinguísticas da terceira onda buscam compreender a variação considerando as ações e avaliações do indivíduo no âmbito das comunidades de práticas.

[...] as pesquisas sociolinguísticas da terceira onda vão buscar entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, no âmbito das comunidades de práticas, procurando analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.

Uma breve conceituação de atitudes linguísticas

Em relação às atitudes linguísticas, foco desta pesquisa, seu entendimento está associado ao de crenças. É um campo de estudo que vem da Psicologia Social, já que podemos compreender atitude como um construto mental, psicológico, que dificilmente conseguimos mensurar com exatidão. Entretanto, de certa forma, podemos afirmar que as atitudes linguísticas de falantes sobre um fato da língua podem sinalizar alguns de seus comportamentos na sociedade, em relação à fala do outro e enquanto usuários de uma dada língua. Por isso, neste artigo, adotamos as definições de atitudes ligadas a tomadas de posicionamento e reações do falante provenientes de crenças. Essa concepção de atitude vem sendo postulada a partir da década de 1960, com estudos de Lambert (1967) e Lambert e Lambert (1972), e posteriormente, por meio de diferentes estudiosos sociolinguistas (CYRANKA, 2007; FREITAG, et al, 2012; MARINE e Barbosa, 2017, entre outros). Retomemos brevemente algumas definições de atitudes.

Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 07) definem atitudes linguísticas “como qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes”. Já para Moreno Fernández (1998, p. 179/ tradução nossa), a atitude linguística “é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]”. Ressalta o autor que, ao falar de língua, está incluindo qualquer tipo de variedade linguística (atitudes face a diferentes estilos, socioletos, dialetos e/ou línguas). Segundo Moreno Fernández (1998), as atitudes linguísticas são o reflexo das atitudes psicossociais, de modo que é difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.

Botassini (2015, p. 113) afirma, citando Grosjean (1982), que as atitudes ou os posicionamentos em relação à língua refletem as atitudes ou os posicionamentos em relação aos usuários dela. A autora destaca que não se sabe muito sobre atitudes e

emoções orientadas a respeito da língua – que vão da lealdade à aversão linguística –, mas elas são, em parte, responsáveis pela manutenção ou pela mudança linguística.

Para investigar as atitudes sociolinguísticas de discentes ingressantes de Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG, utilizamos, como descreveremos na seção “**Procedimentos Metodológicos**”, a técnica do *matched guise*, uma abordagem indireta adaptada da proposta por Lambert (1960, 1967). Ao submeter o informante à apreciação de características linguísticas (escuta de áudios com gravações de usuários do PB com diferentes perfis sociais), e solicitar associações psicossociais (atribuídas aos áudios que escutou), buscamos descobrir algumas atitudes e reações dos participantes da nossa pesquisa.

Cabe ainda mencionar que partimos do princípio que por meio da técnica utilizada podemos: (a) identificar a tolerância linguística (ou não) e reações dos participantes da pesquisa em relação à variante do PB e (b) associar tais dados a crenças e atitudes que esses licenciandos de Letras já possuem e levam para o curso de graduação (neste caso, um curso inicial de formação de docentes de língua portuguesa). Além disso, podemos observar quais atitudes esses alunos têm ao sair da Educação Básica, pois a instituição “escola” participa do processo de construção de grande parte dos conhecimentos/crenças desses discentes, afinal eles passaram pelo menos 12 anos nesse ambiente. Não podemos nos esquecer de que a escola tem forte papel na normalização linguística e no desenvolvimento (ou não) do respeito linguístico, pois tem papel essencial na apresentação da(s) norma(s) vigentes no PB.

Partindo dessas reflexões, parece-nos justificável o estudo de atitudes de falantes da língua portuguesa em relação às diferentes variedades da do PB. Além disso, estudos como o nosso podem apontar quais atitudes linguísticas foram construídas ao longo das vidas e de sua trajetória escolar (até chegar à Universidade) dos participantes da nossa pesquisa. Nossos resultados podem ainda possibilitar, posteriormente, em uma segunda etapa, estudos comparativos das atitudes linguísticas de alunos dos Cursos de Letras de outras universidades brasileiras em relação às diferentes variedades da língua portuguesa.

Atitudes linguísticas e a terceira onda da Sociolinguística

Os estudos da terceira onda da Sociolinguística combinam as teorias dos estudos da primeira e da segunda onda, entretanto voltados a comunidades de prática⁵, enquanto os estudos de primeira e segunda onda focam na comunidade de fala. Na terceira onda, vemos a comunidade como uma construção social, sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que simultaneamente interagem entre si. Para a terceira onda, a comunidade é, então, um agrupamento de indivíduos que interagem entre si para replicarem os valores e conhecimentos, que são dados como a prática.

Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p.103).

Fazendo parte de estudos mais recentes, a terceira onda centra o foco na variação, vista não somente como um reflexo de um lugar social, mas como um recurso para a construção de um significado social. Concomitante a isso, a comunidade de prática desenvolve maneiras de fazer as coisas que se traduzem em práticas e são essas práticas que envolvem a construção de algo maior (ECKERT, 2000).

Os estudos desse terceiro momento da Sociolinguística continuam a utilizar a metodologia quantitativa presente nas outras ondas, entretanto também agrega discussões de avaliações/reações sociais em relação a variantes de uma língua, o que não é necessariamente perceptível em uma análise puramente quantitativa de uma entrevista sociolinguística. Ademais, os trabalhos da terceira onda promovem discussões, por exemplo, de como as variáveis podem criar modos diferentes de fala, que fornecem a chave para a construção de identidade de um falante. Tal identidade consiste em tipos

⁵ A metodologia utilizada nos estudos descritivos da Sociolinguística Variacionista foca a **comunidade de fala** (LABOV, 1972), entendida não só como um grupo de falantes que faz uso dos mesmos traços linguísticos, mas como um grupo que compartilha dos mesmos valores associados aos usos da língua, o que pode ser observado pelos julgamentos de valor (positivo ou negativo) conscientes aos usos linguísticos, em determinado tempo e espaço. A partir dessa definição da comunidade, são selecionados participantes (informantes) que compõem a amostra de fala. Já na terceira onda, como proposta defendida por Eckert (2000), propõe-se o estudo da variação focalizado nas **comunidades de prática**, nas quais os indivíduos, ao escolherem pertencer a uma determinada comunidade, compartilham repertórios de práticas (entre elas, práticas linguísticas). A observação de comunidades de práticas possibilita estabelecer relação mais direta entre língua e significado do que em um estudo baseado em uma comunidade de fala, já que permite-nos observar como algumas das variantes linguísticas assumem significado social.

variáveis de construção social. Um exemplo de tal estudo é o de Moore (2010), que analisou a variação entre *were/was* em uma comunidade de prática em Bolton, na Inglaterra. Moore verificou o mesmo padrão da variação baseados em bancos de dados sociolinguísticos (SMITH, TAGLIAMONTE, 1998; CHESHIRE *et al.*, 2009). No entanto, sua pesquisa mostrou a correlação entre o uso não padrão e a estrutura social da comunidade de prática, o que configurou como um quesito da prática social.

Além disso, outra temática dentro desse terceiro movimento são estudos como este, que visam investigar crenças, percepções, avaliações e atitudes dos falantes em relação a fenômenos variáveis, à variedade do outro e a sua própria variedade. Este trabalho, portanto, aproxima-se de investigações da terceira onda, já que analisa atitudes/reações linguísticas do falante de português brasileiro – graduandos em etapa inicial de Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG – em relação à variedade do outro.

Procedimentos Metodológicos

Primeiramente, fizemos uma revisão bibliográfica sobre a Teoria da Variação Linguística, sobre atitudes linguísticas e suas relações com o ensino de língua. Paralelamente, elaboramos um instrumento para avaliação das atitudes linguísticas dos ingressantes dos Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG.

Instrumento de pesquisa: o teste de atitudes linguísticas

Para esta pesquisa, como instrumento de pesquisa, elaboramos um teste piloto de atitudes tendo como público alvo licenciandos ingressantes de Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG. Cabe ressaltar que os respondentes, todos maiores de idade, assinaram um termo de esclarecimento e consentimento, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM, para que pudessemos prosseguir com a coleta de dados.

Além disso, para que pudessemos conhecer melhor o universo dos ingressantes, dividimos o teste em duas partes. A primeira parte buscou coletar informações como gênero, idade, local de trabalho, formação acadêmica, tempo de formado na Educação Básica, experiência em magistério, entre outros. Já para segunda parte, adaptamos a técnica utilizada em outros estudos de atitude linguística, denominada *Matched Guise Technique* (LAMBERT *et al.*, 1960), em que os informantes ouvem vozes gravadas (em

nossa pesquisa, foram cinco gravações, de falantes do português caipira de diferentes sexos, faixas etárias e escolaridade) e são solicitados a julgar/avaliar os falantes. Nossos informantes, dos cinco áudios, têm o seguinte perfil:

Quadro 1: Perfil dos informantes para as gravações do teste

	Idade	Escolaridade	Profissão
Falante 1	42	Ensino Médio completo	Auxiliar de produção
Falante 2	64	Ensino Fundamental incompleto	Aposentada
Falante 3	37	Curso Técnico (Ensino Médio) Completo	Representante comercial
Falante 4	23	Cursando graduação	Farmacêutico
Falante 5	36	Graduada	Professora

Fonte: Autoras

Para construir esse teste piloto, como pode ser observado no Quadro 1, buscamos informantes de diferentes escolaridades, todos moradores de Uberaba-MG e cidades circunvizinhas. Como já mencionado, nosso intuito foi o de identificar atitudes linguísticas dos licenciandos ingressantes de Letras em relação à fala de alguns informantes do Português Brasileiro, de diferentes escolaridades e, por extensão, inferir as crenças que tais discentes trouxeram à universidade em relação à diversidade linguística (essa discussão perpassa, inclusive, sobre as consequências do ensino de língua portuguesa na Educação Básica, já que parte das crenças desses alunos, e suas atitudes, foram construídas no ambiente escolar).

Para as gravações, cada um dos informantes gravou um áudio contando, de forma espontânea, o que entendeu e sua opinião, sobre uma reportagem previamente lida. A reportagem foi entregue aos informantes na véspera da gravação do áudio, realizada na casa de cada um deles. A reportagem relatava o fato de a Turma da Mônica, de Maurício de Souza, ter se tornado “embaixadora” do Brasil no Japão, lançando, inclusive, produtos como guaraná. Nossa intenção foi escolher uma temática não acadêmica, mas que os informantes pudessem se posicionar sobre o assunto.

Esses áudios foram utilizados na segunda parte do nosso teste. Cada participante da pesquisa, em um horário de aula cedido por docentes dos cursos de Letras para aplicação do teste, era convidado a escutar os áudios (um por vez) e avalia-los, atribuindo

uma nota, distribuída de forma escalonar, de 1 a 5, conforme exemplo da Figura 1. Cabe destacar que palavras-chaves dos componentes avaliados, configuram itens lexicais dos seguintes campos semânticos: inteligência, competência profissional, status social, adequação ao contexto e escolaridade.

Figura 1: Amostra do teste

Menos inteligente	O	O	O	O	O	Inteligente
	1	2	3	4	5	

Fonte: Autoras

Esse agrupamento também foi inspirado na contribuição dos psicólogos sociais acerca dos métodos de “medição” das atitudes. De acordo Lambert e Lambert (1972), os psicólogos sociais costumam usar um questionário para medir as atitudes, cujos itens seriam, então, elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: o cognitivo, o afetivo e o conativo.

Para a análise dos dados, adotamos uma abordagem quali-quantitativa, conforme Saville-Troike (2003, p. 185): “*especially in attitude research, an integration of both qualitative and quantitative procedures is clearly desirable*”. Segundo essa autora, ao levarmos em consideração as mensurações de ordem meramente quantitativa, podemos apenas obter respostas subjetivas tendenciosas que podem interferir nos resultados. Por outro lado, os resultados quantitativos são relevantes na medida em que permitem descobrir um padrão em situações que, de outro modo, poderiam ser vistas como mera variação aleatória. Por isso, adotamos a abordagem quali-quantitativa, já que a quantitativa precisa ser apoiada por uma análise qualitativa dos dados.

A aplicação do teste de atitudes ocorreu durante a primeira aula dos discentes do primeiro período de Cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG. Os licenciandos ouviram as gravações a partir da reprodução do áudio por uma caixinha de som, em sala de aula, na instituição. Foi reproduzido um áudio de cada vez, ou seja, os alunos de graduação escutavam um áudio, por exemplo, o áudio do “informante 1”, e em seguida atribuíam as notas, avaliando, assim, a fala escutada (gravação), preenchendo, os campos conforme exemplo da Figura 1. Cabe destacar que não revelamos aos respondentes do teste, alunos ingressantes de Letras, os perfis dos informantes dos cinco áudios, apenas os descrevemos

como “brasileiros/as”, “moradores/as da região de Uberaba” e “falantes do português brasileiro”.

Resultados da análise dos dados

Nesta seção, apresentamos os resultados da aplicação do teste de atitudes. Participaram da pesquisa 31 licenciandos ingressantes dos cursos de Letras da cidade de Uberaba-MG.

Perfil Social

A primeira parte do teste apontou que os participantes da pesquisa têm como perfil as seguintes características:

- a) estão na faixa etária de 18 a 22 anos;
- b) são, predominantemente, do gênero feminino (65% respondentes);
- c) 60% dos respondentes estudaram em escolas públicas na Educação Básica;
- d) 45% cursou outra graduação (predominantemente da área de Direito);
- e) 10% já lecionou em algum momento da vida.

É importante destacar que a maioria dos ingressantes (60%) concluiu os estudos da Educação Básica em um período em que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN) (BRASIL, 1998) já estavam vigentes, bem como da nova matriz de referência do ENEM. Os PCNs, desde o final da década de 90, já chamavam atenção para o fato da língua portuguesa, como qualquer língua natural, ser variável. Inclusive considera também que algumas das variantes do português brasileiro (PB) são estigmatizadas por se levar em conta o relativo valor social que se atribui aos diversos modos de falar: as variantes linguísticas de menor prestígio social são logo catalogadas de “inferiores” ou até mesmo, de “erradas”. Vale lembrar também que os PCNs incorporam essa visão de linguagem pautada na variação linguística, deixando claro que para ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos, como por exemplo, (i) o de que existe uma única forma “certa” de falar e que esta se reflete de forma perfeita na escrita; (ii) ou o de que nossas salas de aulas são compostas por uma única variante, etc.

É relevante ainda ponderar que os alunos trazem em sua mente as impressões recentes do Ensino Médio, ou seja, daquilo que tiveram contato durante suas aulas, inclusive as das disciplinas de língua portuguesa. Nossos dados revelam ainda que os graduandos de Letras, respondentes do nosso teste, saíram a pouco tempo do Ensino Médio, sendo assim, ainda carregam consigo crenças e atitudes linguísticas que foram construídas ao longo dessa trajetória escolar anterior. Infelizmente, apesar dessa trajetória, nossos resultados revelaram que os licenciandos saem com equivocadas crenças e atitudes linguísticas da Educação Básica, como pontuaremos melhor na segunda parte da análise dos resultados. Isso nos leva a inferir que a escola ainda hoje tende a formar opiniões e concepções muito generalizadas a respeito da língua e suas variedades.

Além disso, é preocupante (apesar da baixa porcentagem) saber que 10% dos ingressantes já lecionam e/ou lecionaram. Tal dado revela que esses licenciandos podem estar promovendo o fortalecimento de crenças e atitudes preconceituosas em relação à diversidade linguística do Português Brasileiro em suas aulas de língua. Essas crenças serão abordadas na próxima subseção, a partir da análise da parte 2 do teste aplicado.

Outro ponto importante é o fato de que 45% dos respondentes já cursaram outra graduação, e podemos notar que a maioria dessas outras formações não está inserida no âmbito das Licenciaturas. Muitas vezes esses alunos, já graduados, podem estar buscando um aperfeiçoamento e novos saberes na área de Letras.

Análise de atitudes linguísticas

Na segunda parte do teste, foi solicitado aos respondentes, a partir da escuta de cinco falas diferentes, conforme descrito anteriormente, que selecionassem “notas” de 01 a 05 nas caixas de múltipla seleção em relação a expressões e/ou adjetivos de diferentes campos semânticos.

Verificamos que quando os respondentes escutavam áudios de falantes que tinham em suas falas algumas variantes desprestigiadas socialmente – como, por exemplo, a ausência de concordância verbal e nominal, a pronúncia de /R/, em posição de coda, retroflexizado (BOTASSINI, 2009) –, foram atribuídas notas mais baixas.

Essa avaliação negativa nos remete aos estudos de Scherre (2005) sobre o Português Brasileiro, apontando que algumas variantes brasileiras são mais “percebidas” e julgadas do que outras, ou seja, tem maior peso social. Por exemplo, um falante do

Português Brasileiro pode não julgar negativamente (ou nem perceber a variação) um indivíduo que, em situação mais monitorada, faça uso de “a gente” no lugar do pronome “nós”, mas, provavelmente avaliaria de forma negativa (como “não sabe falar português”) um falante brasileiro que empregue as variantes “ausência de concordância verbal” e “nominal” como em “Os meninoØ foiØ”.

Scherre (2005) traz essas reflexões comparando o uso da concordância verbal (CV) ao uso das formas do imperativo no PB: as variantes da CV (ausência e presença de morfema de número) são mais percebidas pelos falantes de PB do que as variantes do imperativo (formas do indicativo e do subjuntivo). O fato de a CV ser mais julgada está associado ao fato de uma variante (a marca de concordância) ser mais prestigiada e a outra variante (ausência de concordância) ser mais estigmatizada socialmente. Esse tipo de avaliação/atitude pôde ser observado na aplicação do teste, pois os ingressantes julgaram “ruim” as falas dos informantes que apresentaram maior recorrência da discordância verbal. Tais notas estavam associadas ao campo semântico de “adequação ao contexto”, “status social” e “escolaridade”.

Como podemos verificar, grosso modo, os ingressantes de Letras ainda trazem crenças preconceituosas, que levam a avaliações equivocadas dos falantes, como associar alguém que tem uma determinada variante em sua fala, como um /R/ em posição de coda mais retroflexizado, ser “pobre”.

Tais resultados evidenciam ainda que, na formação inicial para professor de língua portuguesa, devem ser discutidos com os licenciandos questões da área de Sociolinguística e ser enfatizada a necessidade de um ensino de língua que considere (e não julgue negativamente) as diferentes variantes utilizadas no Português Brasileiro e os seus contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004).

Segue, abaixo, os resultados gerais da avaliação atribuída, com maior frequência, pelos ingressantes de Letras as cinco falas dos informantes da pesquisa:

Quadro 2: Síntese do resultado geral

	Inteligente	Competente (em relação à profissão)	Classe Social	Avaliação da Fala	Formação Escolar
Falante 1	Mediano	Incompetente	Pobre	Fala mal	Formação mediana
Falante 2	Menos inteligente	Competente	Pobre	Fala mal	Formação ruim

Falante 3	Inteligente	Competente	Mediano	Fala bem	Boa formação
Falante 4	Inteligente	Competente	Rico	Fala bem	Boa formação
Falante 5	Inteligente	Competente	Rico	Fala bem	Boa formação

Fonte: Autoras

Esses resultados apontam ainda que o informante com menor formação acadêmica (Falante 1) foi avaliado como incompetente. Cabe mencionar que os respondentes não tinham conhecimento da escolaridade dos informantes. Além disso, ao cruzarmos os resultados, observamos ainda que quanto maior a formação escolar (embora os respondentes não soubessem das escolaridades dos falantes dos áudios), melhor foram avaliados os áudios/falantes em relação à condição financeira (falantes 4 e 5).

Outro aspecto observado, como já destacado, foi o de que as falas que apresentaram maior recorrência da ausência da concordância verbal – que coincidem com os informantes com menos escolaridade - foram avaliadas pelos graduandos negativamente, como falantes “menos inteligentes” e/ou “medianos”. Ademais, os falantes que faziam mais pausas durante a fala (falantes 1 e 2) foram julgados como pessoas que falam e se expressam mal em português.

Relação dos resultados encontrados com a trajetória escolar

Desde a última reforma dos PCNs (1998), e agora com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), como já citado neste trabalho, está previsto um ensino de língua na perspectiva variacionista e sensível à variedade linguística do aluno (FARACO, 2011). Entretanto, infelizmente, em muitas escolas ainda encontramos um ensino tradicional de língua, que distancia os alunos da realidade variacionista e do respeito linguístico, pois passa a falsa ilusão de uma língua homogênea e pronta (portanto, invariável).

A proposta deste trabalho possibilitou-nos verificar que os ingressantes do Curso de Letras participantes da pesquisa têm a tendência a julgar e a ter atitudes equivocadas e negativas em relação a algumas variantes do PB. Essa constatação evidencia que ainda podemos encontrar atitudes e conclusões desrespeitosas em relação à língua e ao seu usuário, como, por exemplo, a de que uma pessoa com menor escolaridade é “menos inteligente”.

Essas atitudes linguísticas, provavelmente, podem ser observadas pelo fato de os participantes da pesquisa estarem envoltos, mesmo já tendo concluído a Educação Básica e estarem iniciando um curso de licenciatura, por crenças e atitudes deslocadas, como as que “existe falantes bons e ruins de português”. Ou, ainda, que falar bem e escrever bem está direta e exclusivamente relacionados ao emprego, em qualquer contexto, das regras da gramática normativa (isso fica evidente quando os graduandos julgaram negativamente quem tem uma fala com mais ausência de CV) .

Além disso, a situação torna-se ainda mais grave quando levamos em consideração o fato de que esses alunos saíram do Ensino Médio há pouco tempo (como apontou as análises do perfil social dos participantes da pesquisa). Portanto, podemos perceber que tantos anos na Educação Básica (em média 13 anos) não foram suficientes para deixá-los com atitudes mais sensíveis e respeitadas em relação às variações do PB. Concomitante a isso, podemos até inferir que, especificamente as escolas brasileiras ainda precisam caminhar em busca de um ensino variacionista, que respeite a diversidade cultural e linguística de seus falantes, sem deixar de proporcionar o ensino da(s) norma(s) cultas do PB.

Outro aspecto a ser destacado na análise é o fato de que a presença ou não da marca de concordância verbal nas falas/áudios analisados (ver perfis no Quadro 1 deste artigo) foi fator motivador de avaliações dos respondentes do teste – graduandos ingressantes de Letras –, pois os áudios com maior frequência da variante “ausência de CV” foram os mais avaliados negativamente, com julgamentos como “menos inteligentes” (foram atribuídas notas 1 e 2). Tal constatação demonstra não só como a cultura do “certo vs errado” ainda está presente, como também revela que apesar do aluno ter passado mais de 12 anos na Educação Básica ainda julga o outro, a partir de características linguísticas dos falantes, como “mais ou menos inteligente” e/ou “mais ou menos competente”. Destacamos ainda que havia um campo para comentários após cada atribuição de nota e somente dois respondentes utilizaram um desses espaços, argumentando que avia atribuído nota “baixa a voz do áudio” pelo fato de ser uma pessoa que “falava errado”/”falava bem mal o português”. Nenhum ingressante de Letras utilizou esse campo aberto para mencionar que não poderia avaliar tal item somente pela fala do áudio escutado.

Considerações Finais

Neste artigo, ao investigarmos as atitudes linguísticas dos licenciandos ingressantes de Letras da cidade de Uberaba-MG, buscamos contribuir para o desenvolvimento de um ensino de língua pedagogicamente sensível à variação linguística e à diversidade linguística e cultural, conforme Faraco (2011), principalmente, levando-se em consideração que os participantes da pesquisa serão futuros professores de língua portuguesa.

Nossa pesquisa buscou mapear algumas atitudes linguísticas de alunos ingressantes de cursos de Letras (em nosso caso, de uma universidade da cidade de Uberaba). Além disso, a partir desta investigação, conhecemos, ao menos um pouco, as atitudes sociolinguísticas de alunos que ingressam no Curso de Letras da cidade de Uberaba e, podemos, a partir desses dados, refletir sobre possíveis ações de formação.

Muitos dos estudos já realizados envolvendo crenças e atitudes linguísticas – como de Aguilera (2009), Cyranka (2007), Marine e Barbosa (2017) e entre outros, e até mesmo este nosso – revelam que atitudes equivocadas e negativas em relação à variedade do outro, infelizmente, ainda permeiam nossa sociedade. Isso nos faz refletir sobre a formação e conscientização sociolinguística em nosso país e no(s) fato(s) que levam ainda tantos alunos chegarem à universidade com crenças e atitudes equivocadas.

Diante disso, é necessário que continuemos nos questionando, repensando e atentando-nos à formação inicial e continuada de nossos professores de línguas. Será que o problema está nos livros didáticos, principal ferramenta na sala de aula, que têm pouco espaço para tratar da variação? Ou será um problema social, que está enraizado na cultura e é imutável? Preferimos acreditar que crenças e atitudes podem ser alteradas. De qualquer forma, essas são algumas questões que devemos nos debruçar, em busca de um ensino sensível e tolerante à diversidade presente em nosso país.

Ademais, esta pesquisa, embora ainda resultante de uma etapa inicial, revelou que apesar de os ingressantes de Letras terem passado mais de 12 anos na Educação Básica, o que justificaria uma postura mais sensível à variação (prevista inclusive em documentos norteadores para ensino de língua portuguesa na Educação Básica do Brasil), ainda carregam atitudes preconceituosas sobre a fala do outro. Parece-nos que ainda nos dias atuais a escola continua a contribuir para a manutenção de crenças linguísticas

equivocadas sobre a língua que culminam em atitudes desrespeitosas em relação à variedade do outro.

Referências

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.2, p.105-112, 2008.

BARBOSA, J. B.; CUBA, D. Crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-90, jan./abr. 2013.

BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos. *Signum. Estudos de Linguagem*, v. 12, p. 85-102, 2009.

BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular (BNCC). Brasília, DF, 2018.

CHESHIRE, A. C., *et al.* UNEP/IOC Guidelines on survey and monitoring of marine litter. *UNEP Regional Seas Rpts & Studies*, No. 186; IOC Tech. Ser. No. 83, 2009.

CYRANKA, L. F. de M. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde coabitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.93-107.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. 2012. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto. 41: 87-100.

FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. 2011. Disponível em: <https://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco-por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf>. Acesso em 15/03/2019.

FREITAG, R. M. K.; *et al.* Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações, *Alfa*, 56: 2012, p. 917-944.

BARBOSA, J. B.; FREITAS, V. T. de. Como os estudantes em mobilidade ERASMUS na Universidade de Aveiro percebem as variedades do português?. *Entretextos* (UEL) , v. 21, p. 25-46, 2021.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (Org.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60(1): 1960, p. 44-51.

LAMBERT, W. The social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues* 23: 1967, p. 91-109.

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução: Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARINE, T. C.; BARBOSA, J. B. Crenças linguísticas de alunos do PROFLETRAS de universidades no Triângulo Mineiro. *Letrônica*. v. 10, n. 1. 2017.

MORENO FERNÁNDEZ, F. M. *Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOORE, E. Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation. *Language Variation and Change*, Cambrigde, v.22, p.347-371, 2010.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: an introduction* n. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 2003.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: Variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, H. C. da; AGUILERA, V. de A. O Poder de Uma Diferença: Um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. In: *Alfa* 58, 2008.

SILVA, F. B.; BOTASSINI, J. Crenças e atitudes linguísticas: o que pensam os alunos de Letras sobre o ensino de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 61-85, jul./dez., 2015.

SMITH, J.; TAGLIAMONTE, S. We Was all Thegither, I Think We Were all Thegither. Was Regularization in Buckie English. *World Englishes* 17(2):1998, p.105-126.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. 2014. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>>. Acesso em 30/03/2019.

KNOWING THE LANGUAGE ATTITUDES OF ENTERING STUDENTS FROM THE LETTER COURSES OF THE CITY OF UBERABA-MG

ABSTRACT

In this article, we present an investigation carried out on the linguistic attitudes of new students of the Language Courses in the city of Uberaba-MG in relation to different Brazilian Portuguese. For this, we developed and applied a test of linguistic attitudes in which the research participants listened and evaluated audios/speeches. In addition, we seek, based on the results found, to reflect on the sociolinguistic knowledge that was built throughout their lives until they reached the University.

Keywords: linguistic attitudes, initial teacher training, portuguese language.

Recebido em 12/10/2021.

Aprovado em 09/01/2022.